



JESUITAS BRASIL

# **Cadernos** *Teologia Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XXI | Número 181 | Volume 22 | 2025

**Vocação, castidade e discernimento: um olhar  
sobre jovens LGBTs na vida consagrada**

João Melo

# **Cadernos** *Teologia Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XXI | Número 181 | Volume 22 | 2025

## **Vocação, castidade e discernimento: um olhar sobre jovens LGBTs na vida consagrada**

**João Melo**

Mestrando em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), licenciado em Filosofia e Matemática e bacharel em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

**Cadernos Teologia Pública** é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

## **UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ  
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

## **INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU**

Diretor: Inácio Neutzling, SJ  
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz  
Gerente administrativo: Nestor Pilz  
ihu.unisinos.br

### **Cadernos Teologia Pública**

Ano XXI – Vol. 22 – Nº 181 – 2025

ISSN 1807-0590 (impresso) | ISSN 2446-7650 (on-line)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

**Conselho editorial:** MS. Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Ana Maria Formoso (Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação); Christoph Theobald (Faculdade Jesuíta de Paris - Centre Sèvres, doutor em Teologia); Faustino Teixeira (UFJF-MG, doutor em Teologia); Felix Wilfred (Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia); Jose Maria Vigil (Associação Ecmênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação); José Roque Junges, SJ (Unisinos, doutor em Teologia); Luiz Carlos Susin (PUCRS, doutor em Teologia); Maria Inês de Castro Millen (CES/ITASA-MG, doutora em Teologia); Peter Phan (Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia); Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR, doutor em Teologia).

**Responsáveis técnicos:** Cleusa Maria Andreatta e Guilherme Tenher Rodrigues.

**Imagem da capa:** Pixabay

**Projeto Gráfico:** Ricardo Machado

**Editoração:** Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.  
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).

ISSN 2448-0304

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

# **Vocação, castidade e discernimento: um olhar sobre jovens LGBTs na vida consagrada**

João Melo

**RESUMO:** O artigo aborda os desafios enfrentados por jovens LGBT em sua busca pela vida consagrada na Igreja Católica. Analisa o contraste entre a doutrina oficial e a realidade vivida por essas pessoas, especialmente no contexto brasileiro, e propõe uma reflexão sobre o discernimento vocacional, o voto de castidade e a importância do acolhimento e do reconhecimento da diversidade sexual e de gênero nas comunidades de fé. Com base em referências atuais e no magistério recente, o texto destaca a necessidade de um ambiente eclesial mais transparente, livre de hipocrisia e capaz de promover a saúde espiritual, emocional e relacional de todos os seus membros.

**PALAVRAS-CHAVE:** LGBT. Vida consagrada. Castidade. Discernimento vocacional.

# **Vocational Calling, Chastity, and Discernment: A Perspective on LGBT Youth in Consecrated Life**

João Melo

**ABSTRACT:** This article explores the challenges faced by LGBT youth in their pursuit of consecrated life within the Catholic Church. It examines the contrast between official doctrine and the lived experiences of these individuals, particularly in the Brazilian context, and offers a reflection on vocational discernment, the vow of chastity, and the importance of welcoming and acknowledging sexual and gender diversity within faith communities. Drawing on recent references and Church magisterium, the text underscores the need for a more transparent ecclesial environment—free from hypocrisy—that fosters the spiritual, emotional, and relational well-being of all its members.

**KEYWORDS:** LGBT. Consecrated life. Chastity. Vocational discernment.

# Vocação, castidade e discernimento: um olhar sobre jovens LGBTs na vida consagrada

João Melo

Mestrando em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), licenciado em Filosofia e Matemática e bacharel em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE)

## INTRODUÇÃO

Muitas/os jovens LGBTs sentem-se chamadas/os à vida consagrada. Apesar da proibição vaticana (Congregação para a Educação Católica, 2005), o papa Bento XVI já admitia o relevante número de homens gays no clero e na vida consagrada. No livro *Luz do Mundo*, publicado em 2010, Bento XVI abordou o tema incluindo reflexões sobre a presença de gays em seminários e mosteiros.

Durante a entrevista no voo de volta do Rio de Janeiro, após a Jornada Mundial da Juventude em 2013, o papa Francisco fez um comentário que ficou amplamente conhecido. Ele disse: “*Se uma pessoa é gay, busca*

*o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para julgar?”* Essa declaração foi feita quando o papa explicava sobre a presença de homens gays no clero católico e gerou grande repercussão por sua abordagem pastoral e acolhedora (Francisco, 2013).

O pontificado de Francisco vinha incentivando o reconhecimento e o acolhimento de pessoas LGBTQs por parte de suas comunidades. Em junho de 2022, a província franciscana de Santa Isabel, na Alemanha, elegeu como superior o frei Markus Fuhrmann, que se declarou publicamente gay:

Para mim, pessoalmente, era uma questão de minha própria veracidade. Se eu vivo e sou ativo como religioso nesta igreja e também tenho responsabilidades de liderança, também gostaria de poder deixar claro quem sou e o que defendo. Se sou gay, quero mostrar que também posso fazer parte da igreja neste ministério. Isso é importante porque não deveria ser assim [exclusão] na igreja. Infelizmente, há muita hipocrisia institucional em nossa igreja. Para que haja algo que na verdade não deveria estar lá, mas todo mundo sabe que está lá. Eu gostaria de promover e ver isso como uma oportunidade, que nós, como igreja, somos coloridos, que a igreja é (também) *queer*, que é isso que Deus quer, que isso corresponde à diversidade da criação e, portanto, é bastante normal (Instituto Humanitas Unisinos - IHU, 2022).

No entanto, a presença significativa de lésbicas, gays e bissexuais na vida consagrada continua a ser amplamente silenciada dentro da Igreja. Enquanto em alguns países da Europa e em certas regiões dos Estados Unidos, a realidade de consagradas/os de orientação sexual dissidente<sup>1</sup> é abordada de maneira

1 As orientações sexuais dissidentes incluem aquelas que não se enquadram na heterossexualidade normativa. Exemplos comuns

mais aberta, no Brasil esse tema ainda é tratado como tabu. Esse apagamento gera graves consequências, dificultando um discernimento vocacional autêntico e transparente para aquelas/es que desejam seguir esse caminho.

Institutos de vida consagrada, congregações, ordens religiosas e organizações da vida consagrada no Brasil precisam dar um passo corajoso para “fora do armário”, reconhecendo com respeito a diversidade humana a fim de promoverem comunidades de fé que proporcionem um verdadeiro pertencimento.

## DOCTRINA EM CONTRASTE COM A REALIDADE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

A doutrina da moral sexual da Igreja afirma que a única forma legítima de ato sexual ocorre entre um homem e uma mulher cisgêneros<sup>2</sup>, unidos pelo sacramento do matrimônio, sem o uso de métodos contraceptivos, com finalidade procriativa e unitiva. Essa visão, entretanto, parece cada vez mais distante da vivência real das juventudes, incluindo as consagradas. Diversas/os teólogas/os moralistas, no Brasil e no exterior, já sugeriram um *aggiornamento* da compreensão e do ensinamento oficial da Igreja sobre a sexualidade humana (Genovesi, 2009). Diante desse cenário, questiona-se se a doutrina moral sexual da Igreja deve ser reproposta para as/os jovens de hoje.

---

são a homossexualidade (atração por pessoas do mesmo gênero), a bissexualidade (atração por mais de um gênero), a pansexualidade (atração independente de gênero) e a assexualidade (ausência de atração sexual).

2 Uma pessoa cisgênero é aquela cuja identidade de gênero corresponde ao gênero atribuído no nascimento. Por exemplo, alguém designado como mulher ao nascer e que se identifica como mulher ao longo da vida seria considerado cisgênero.



Seja como for, para todas as outras pessoas, ou seja, as pessoas solteiras que mantêm relações sexuais, ou as pessoas que vivem em uniões sem o sacramento do matrimônio, ou as pessoas que se masturbam, ou as que são divorciadas e recasadas, ou as que embora casadas na Igreja, usam métodos contraceptivos, para todas elas, nessas situações, a doutrina da Igreja recomenda a abstinência de atos sexuais. No caso das católicas e católicos LGBTQs, a Igreja ensina que é necessário viver o celibato, isto é, sem relações sexuais para sempre (Genovesi, 2009). Nessa perspectiva, não há espaço para o discernimento, e a pessoa é levada a acreditar que a vontade de Deus para ela é o celibato compulsório.

Ora, se o celibato é um dom, como ensina a própria doutrina da Igreja, ele não deveria ser obrigatório para todas as pessoas LGBTQs. Esse dom deveria ser abraçado com liberdade e gratuidade, e não imposto como condição para viver conforme a vontade de Deus. O teólogo e formador de jovens vocacionados Donald Cozzens, autor de livros sobre o celibato, afirma que se trata de um dom raro, vivido genuinamente por poucasíssimas pessoas. E mesmo para essas, muitas vezes, o celibato é marcado por sofrimento profundo e mutilação afetiva (Cozzens, 2008).

A crença míope que limita excessivamente a compreensão do que é a vontade de Deus, está desencarnada da criação e da verdade da realidade querida e desejada no amor pelo Pai, o seu Criador. Toda vez que a compreensão do que é a vontade de Deus torna-se enrijecida em uma forma doutrinal, ela corre o risco de impedir a recordação dos ensinamentos de Jesus, pois dispensa a constante vinda do Espírito Santo (Jo 14,26).

A crise de vocações religiosas e o adoecimento espiritual, emocional e psíquico de pessoas consagradas, de membros do clero e de católicos e católicas LGBTs são consequências diretas dessa doutrina intrinsecamente desordenada, que mascara uma realidade eclesial complexa e dolorosa.

Ocorre que pessoas LGBTs que não vivem plenamente suas sexualidades, buscam reprimi-las em nome do que acreditam ser o modo correto de viver a vontade de Deus que desejaria a sua mutilação afetiva por meio de um celibato compulsório ou uma heterossexualidade cisgênera forçada. É sobretudo nelas que o aprendizado da indignidade pode despertar para o vício da culpabilidade.

Essa culpa não colabora para o crescimento humano e espiritual, mas é só uma treta do inimigo da natureza humana. Santo Inácio de Loyola, mestre do discernimento dos espíritos, alertava para tomarmos cuidado com o mal que se apresenta a nós na forma de bem. Para uma pessoa mais escrupulosa, sentir-se perpetuamente culpada tem a aparência de bem, pois é para ela um indício do seu constante arrependimento, humildade e consciência de pecado. Nada mais mentiroso e enganador. É preciso desconfiar dos sentimentos interiores e aprender a identificar de onde eles vieram e para onde eles levam (Programa Magis Brasil, 2020, p.65). Esse é um bom critério para começar.

De uma maneira ou de outra, a pessoa LGBT sente que sua condição é, no mínimo, um “problema” na relação com a família e amigos, e nos ambientes de estudos, profissionais e eclesiais.

## VOTO DE CASTIDADE E DISCERNIMENTO DAS MOTIVAÇÕES VOCACIONAIS

A pessoa LGBT que aprende da doutrina da Igreja e da LGBT-fobia da sociedade que há algo de errado com ela e que ela deve envergonhar-se e até esconder sua orientação sexual e/ou identidade de gênero, muito provavelmente, terá sua experiência de fé e sua relação com Deus marcadas por este estigma e confusão.

Muitas vezes, ela terá a árdua tarefa de superar uma culpa que oprime mente e coração. Seu itinerário de fé e discernimento costuma ser marcado por um aprendizado equivocado de indignidade, isto é, trata-se de uma experiência de orfandade e abandono que potencializa um sentimento de solidão, e que impede a percepção da radicalidade da filiação divina partilhada por todos e todas, que somos irmãos e irmãs (Mt 23,8). A pessoa católica LGBT, por vezes, necessitará passar pela experiência do perdão doado na generosidade da entrega apaixonada de Jesus à humanidade (Jo 10,18) para superar a dificuldade de deixar-se amar profundamente, e para superar a rejeição, consciente ou inconsciente, à aceitação da liberdade de filha e filho de Deus (Rm 8,21-22).

Viver a própria dissidência sexual e de gênero como um problema pode impedir a pessoa de seguir em frente e encarar verdadeiramente o “mal” que ela acredita que cometeu, desapegando-se do peso que ela carrega. Afetivamente, a pessoa costuma estar apegada de forma desordenada pelo que se culpa. Esse afeto, para ela, pode ainda ser maior e mais importante do que a acolhida afetiva que ela é capaz de fazer do amor incondicional de Deus, que perdoa tudo.

Além disso, muitas vezes, a pessoa viciada na culpa de ser LGBT encontra nela certa gratificação imediata – assim como o viciado em álcool ou em drogas sente uma passageira gratificação quando ingere uma dose de seu “veneno”. O vício da culpa pode fazer com que quem o vive experimente uma falsa humildade e, portanto, um certo orgulho por isso. Na espiral da culpa, o mal espírito leva a pessoa a crer que Deus se agrada de sua privação afetiva do perdão de si, como se seu fechamento à superabundância da Graça fosse um sacrifício para se orgulhar. Por isso, é preciso estar atento aos sentimentos interiores para desmascarar as armadilhas do inimigo da natureza humana.

Diante desses desafios, a pessoa LGBT marcada pela doutrina intrinsecamente desordenada da Igreja acerca da sexualidade humana, buscará uma forma de sobreviver e “se encaixar” no seu mundo social e eclesial. Por essa razão, professar o voto de castidade e abraçar a vida consagrada pode saltar-lhe como uma opção adequada. Muitas vezes, essa escolha é até motivada pela ilusão, mesmo que inconsciente, de “recompensar” a Deus e a sua comunidade pelo “mal” que ela é ou pode representar sendo LGBT.

Entre as/os jovens LGBTs, que forem dissidentes de gênero, como pessoas transgêneras, não-binárias e de gênero fluído, cuja visibilidade da identidade ou expressão de gênero são reconhecidas como divergentes das normas culturais ou sociais tradicionalmente associadas ao sexo atribuído no nascimento, elas dificilmente serão aceitas na vida consagrada, ao menos que escondam o gênero a que se identificam. Entretanto, as/os jovens LGBTs que forem dissidentes sexuais cisgêneros, como as lésbicas, gays e bissexuais, estas/

es mais facilmente podem ingressar na vida religiosa se esconderem sua orientação sexual dissidente. Isso ocorre porque, no contexto eclesial, as pessoas de orientação sexual dissidente possuem maior passabilidade, isto é, capacidade de serem percebidas como heterossexuais pertencentes a um grupo privilegiado. Isso influencia na forma como são tratadas, com maior aceitação, embora ainda convivam com o desafio e a pressão para “se encaixar”.

Das/os aceitas/os, muitas e muitos jovens LGBTs, ingenuamente, acreditam que entrar para a vida consagrada vai diminuir os seus desejos sexuais, ou que o ambiente religioso não estimularia tais práticas, ou ainda que seria até “curada/o de sua desordem moral”, etc.

A falta de transparência e diálogo sobre esse aspecto abre fértil terreno para a imaginação da/o jovem vocacionada/o que usará da experiência de vida que possui para oferecer o melhor que pode para abrigar-se na instituição. Muitas/os delas/es, sem ainda conseguir nomear claramente o que sentem, o que são, e sem terem conversado abertamente sobre sua sexualidade e/ou identidade de gênero com familiares e amigos, terão na vida consagrada, muitas vezes, o primeiro espaço de descoberta de si ou de aprofundamento de sua própria identidade.

Daí, não é difícil entender o fascínio que a vida consagrada exerce sobre pessoas LGBTs. Para muitas/os jovens, ingressar na vida consagrada pode ser um refúgio em uma sociedade ainda marcada pelo preconceito.

Uma pessoa LGBT que faz a opção pela vida religiosa e/ou presbiterado, infelizmente, pode chegar ao extremo de submeter-se e reproduzir um ambiente LGBTfóbico por não se sentir apta ou por não vislumbrar a possibilidade de viver sua vida sem a instituição que a abrigou e a ajudou a esconder sua sexualidade.

Entretanto, muitas pessoas LGBTs falham nesse processo de vivência do voto de castidade como solução para o “problema” de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero, pois essa compreensão equivocada requer intensa e constante repressão sexual da verdade da diversidade querida e desejada no amor pelo Pai, o seu Criador. Então, em meio a culpa e ao sofrimento emocional, adotam um estilo de vida que busca desintegrar sua fé de sua afetividade.

É entristecedor ver tantas e tantos jovens acreditando que Deus se agrada com sua frustração afetivo-sexual. Quantas pessoas, refugiadas na instituição que condena suas experiências sexuais e de gênero, acabam vivendo-as à margem, sem nunca integrar a verdade de quem são à plenitude de suas vidas. Presas pelo sigilo da vergonha, da culpa e do medo, elas vivem o que o papa Francisco chama de vida dupla: Repetem a já questionada doutrina da Igreja que condena a plenitude da sexualidade querida e amada por Deus na diversidade das pessoas LGBTs, ao mesmo tempo em que possuem suas vivências sexuais.

Essa negação da realidade, motivada pelo medo de confrontar verdades desconfortáveis, é uma grande hipocrisia que marca a vida da Igreja nos tempos atuais. Enquanto isso, vidas são silenciadas, e corações permanecem divididos.

O medo de expor a realidade da diversidade das/os consagradas/os e a preocupação com a credibilidade institucional impedem a Igreja de lidar com coragem com seu verdadeiro desafio.

## **VIDA CONSAGRADA COMO EXPRESSÃO DA BELEZA DA DIVERSIDADE DA CRIAÇÃO**

A vida consagrada pressupõe o voto de castidade, um compromisso que está intrinsecamente ligado à afetividade e à sexualidade da pessoa consagrada. Ignorar, silenciar ou simplificar essa realidade compromete não apenas a honestidade do discernimento vocacional, mas também a saúde emocional e espiritual daquelas/es que buscam essa forma de vida. Tanto as/os candidatas/os quanto as/os formadoras/es têm a responsabilidade de abordar esse tema com maturidade, evitando visões idealizadas ou repressoras.

Os Padres da Igreja ensinaram que “o que não é assumido, não pode ser redimido”. A redenção operada na humanidade por meio da união com Cristo requer que a natureza humana seja plenamente reconhecida e integrada, e isso inclui a sexualidade e a identidade de gênero. Um discernimento vocacional verdadeiramente enraizado na graça divina e na realidade humana deve levar em conta essas dimensões fundamentais da existência.

Além disso, o adoecimento de jovens presbíteros e religiosas/os tem sido um tema crescente (Cozzens, 2010). A misoginia estrutural e a LGBT-fobia institucional são desafios que precisam ser enfrentados, não como princípios doutrinários imutáveis, mas como desvios que impedem a Igreja de viver plenamente sua

vocação evangélica. A sexualidade, constantemente tratada como um problema moral nas confissões e nos acompanhamentos espirituais, raramente é abordada com *parresia* e transparência libertadora.

Curiosamente, à medida que a sociedade se torna mais inclusiva e menos preconceituosa, o número de vocações na Igreja tem diminuído. No entanto, quanto mais aberta, transparente e acolhedora for a instituição religiosa, mais pessoas – incluindo LGBTs – poderão discernir sua vocação de maneira consciente e livre. Assim, aquelas/es que discernirem pela vida religiosa poderão vivê-la de forma comprometida e verdadeiramente inspirada pelo Evangelho.

A vivência saudável do voto de castidade deve ser uma característica essencial de qualquer pessoa que abraça a vida consagrada, independentemente de sua orientação sexual e identidade de gênero. No entanto, a integração da própria identidade e sexualidade pode levar anos, tornando o discernimento vocacional um caminho desafiador e, muitas vezes, solitário. A adesão a essa vocação deve ser fruto de um discernimento livre e consciente, não uma fuga da própria identidade e/ou sexualidade.

Quem tem sua vida espiritual enraizada na relação pessoal com Deus e na escuta do Espírito Auxiliador não substituí, suprime ou condiciona sua vida espiritual e seu modo de estar no mundo, por um vínculo a um conjunto de ideias que lhe trazem uma falsa segurança, mas está aberta/o ao que Santo Inácio de Loyola convidava: “deixe o Criador agir diretamente com a criatura, e a criatura com seu Criador e Senhor” (Loyola, 2000, n. 15).





O Espírito Auxiliador, que sopra onde quer (Jo 3,8), continua hoje a nos convidar para uma compreensão mais profunda do amor incondicional de Deus. Ele nos chama a reconhecer que a diversidade humana - em todas as suas expressões de gênero, afeto e identidade - não é um erro a ser corrigido, mas um reflexo da criatividade divina a ser celebrado. Quando permitimos que esse sopro do Espírito guie nossa vida espiritual, descobrimos que nossa participação na vida e missão da Igreja não depende de negarmos quem somos, mas de nos sentarmos à mesa em comunhão com os irmãos e irmãs, e oferecermos genuinamente quem somos ao serviço do Reino.

A vida consagrada precisa ser esse lugar em que também as pessoas LGBTs façam a experiência pessoal e comunitária do encontro com o amor incondicional de Deus, para que elas encontrem forças para serem elas mesmas, na verdade que liberta dos “armários”.

Infelizmente, ainda hoje, boa parte das pessoas consagradas LGBTs não vivem em comunidades de fé que favorecem a experiência do encontro com o amor incondicional de Deus que liberta. Por isso, grande parte não está imbuída da ousadia evangélica. Uma boa parte simplesmente busca a aceitação e a preservação de suas vidas, pois lhe faltam testemunhos e uma rede de apoio que as encorajem a ir além.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O celibato obrigatório, embora valorizado por segmentos religiosos mais conservadores, não ocupa um lugar de destaque na hierarquia das verdades da fé. Ele não é um dogma. Em termos simples, não é ne-

cessário acreditar ou seguir o celibato obrigatório para ser um/a bom/boa leiga/o cristã/o católica/o LGBT. Entretanto, a pessoa que escolher pela vida consagrada, que inclui o voto de castidade, deve fazê-lo com liberdade e desejo profundo de ser consagrada/o.

Renunciar à mentalidade que encara a dissidência sexual e de gênero como um problema é libertação de toda uma forma de relacionar-se com Deus que estava baseada nos parâmetros humanos de merecimento, ardilosa estratégia do mal espírito. Cair na conta do amor generoso de Deus de quem somos filhos e filhas para a liberdade (Gl 5,1) é acolher a loucura que é a imensidão do amor de Deus (1Cor 1,18), que não tem lógica, razão e não se justifica, mas apenas é, e é abundantemente (Jo 10,10; Rm 5,20).

Como ensina o papa Francisco em *Amoris Laetitia*, n. 37, a pessoa cristã católica é chamada a formar sua consciência moral, e não a substituí-la pela doutrina católica. Isso significa responder o melhor que se pode ao Evangelho, mesmo em meio aos limites e condicionamentos – inclusive limites e condicionamentos doutrinários da própria instituição. A pessoa cristã católica é chamada a realizar o seu próprio discernimento perante situações em que se rompem todos os esquemas doutrinários, buscando a verdade e a plenitude de sua vida com coragem e fé (Francisco, 2015).

No fundo, toda e qualquer pessoa espiritual é chamada a perguntar a si mesma: Vivo e ajo segundo o que o Espírito sopra em meu coração ou vivo segundo interpretações secundárias que em troca de minha submissão me recompensam com uma falsa proteção e pertencimento a uma estrutura de poder? Onde está depositada a minha confiança? No poder das convic-



ções estabelecidas ou na brisa do Espírito que me convida a desapegar-me de mim mesmo? Onde quer estar o meu coração?

## REFERÊNCIAS

BENTO XVI; SEEWALD, Peter. *Luz do Mundo: O Papa, a Igreja e os Sinais dos Tempos*. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional em relação às pessoas com tendências homossexuais e sua admissão ao seminário e às ordens sagradas*. São Paulo: Paulinas, 2005.

COZZENS, Donald. *A face mutante do sacerdócio*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

COZZENS, Donald. *Liberar o celibato*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

FRANCISCO. *Exortação apostólica Amoris Laetitia*. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO. *Encontro do santo padre com os jornalistas durante o voo de regresso*. Domingo, 28 de julho de 2013. Disponível [aqui](#). Acesso em: 7 mar. 2025.

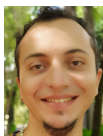
GENOVESI, Vincent. *Em busca do amor: moralidade católica e sexualidade humana*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS (IHU). Frades franciscanos da Alemanha elegem irmão abertamente gay como novo líder provincial. *Instituto Humanitas Unisinos - IHU*, 4 de novembro de 2022. Disponível [aqui](#). Acesso em: 7 mar. 2025.

LOYOLA, Inácio de. *Exercícios espirituais*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

PROGRAMA MAGIS BRASIL. *Acompanhamento espiritual de jovens à luz da espiritualidade inaciana*. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

# João Melo



**João Melo e Silva Junior.** Mestrando em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Licenciado em Filosofia e Matemática, bacharel em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e especialista em Juventudes: Experiência, Acompanhamento e Projeto de Vida pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Integra os grupos de pesquisa GEHER (Grupo de Estudos História da Educação e Religião), da UERJ; Indecências – Religião, Gênero e Sexualidade (ReGeSex), da UFJF; e Diversidade Sexual, Cidadania e Religião, da PUC-Rio.

## ARTIGOS DE JOÃO MELO E SILVA JUNIOR REPRODUZIDOS PELO IHU

- [Vocação, castidade e discernimento: um olhar sobre jovens LGBTs na vida consagrada. Artigo de João Melo](#)
- [Corpus Christi: um banquete para todos os corpos? Artigo de João Melo](#)
- [A fecundidade das uniões homoafetivas](#)



# CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA

- N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ
- N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer
- N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher
- N. 4 No Quarentenário da Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes
- N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ
- N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amalados, SJ
- N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García
- N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess
- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana Maria Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta



- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio
- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraudo, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmção e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald
- N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger
- N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto
- N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred



- N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé
- N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi
- N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt
- N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava
- N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Degislano Nóbrega de Lima
- N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto
- N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda
- N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier
- N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro
- N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight
- N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan
- N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil
- N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald
- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Elcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O'Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vázquez e Ushi Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O'Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli



- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral
- N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle
- N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da *Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff
- N. 102 A Constituição Dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald
- N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira
- N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto
- N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann
- N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber
- N. 110 A Encíclica *Laudato Si'* e os animais – Gilmar Zampieri
- N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de *Dignitatis Humanae* e *Amaris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald
- N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumaro
- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium* digitalis? Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si'* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orlange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Illo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a *Oikonomia* Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior





- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão – Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética – Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben – Joel De-cothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneos – Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais “Familiaris Consortio” de Wojtyła e “Amoris Laetitia” de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial – José Roque Junges
- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco – Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento – Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral – Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium – Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da “parrésia eclesial” – Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? – Austen Ivereigh
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas – Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar – Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line – Thiago Isaías Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão *Intellige Ut Credas* – Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública – Luis Carlos Dalla Rosa
- N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 146 Juventudes e vivência ecumênica – Rosemary Fernandes da Costa
- N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I – O fim de um mundo? – Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II – As dores do parto – Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III – Vinho novo, odres novos – Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? – Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 151 Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais. O problema espiritual da missão – Rogério L. Zanini
- N. 152 Fratelli Tutti: um guia de leitura – Gilmar Zampieri
- N. 153 A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais – Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 154 A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens – Andrea Grillo



- N. 155 Gustavo Gutierrez: servidor dos pequenos e teólogo da libertação - José Oscar Beozzo
- N. 156 O ensino moral da Igreja no pontificado do Papa Francisco: avanços, desafios e perspectivas - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 157 Razão pública e sociedade pós-secular: o diálogo entre cidadãos religiosos e secularizados no pensamento de Jürgen Habermas - Emerson Silva
- N. 158 Valores cristãos, valores seculares e por que eles precisarão um do outro na década de 2020 - Alec Ryrie
- N. 159 O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos - Junior Vasconcelos do Amaral
- N. 160 O pós-teísmo como superação dialética do teísmo - Santiago Villamayor
- N. 161 A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem religiosa na pós-modernidade - Ferdinando Sudati
- N. 162 O rio e a cisterna. Superar permanentemente toda forma de teísmo - Paolo Scquizzato
- N. 163 Diante de um cristianismo moribundo, a proposta de um cristianismo adulto: um olhar sobre o pós-teísmo - Beatrice Iacopini
- N. 164 “*Gloria Victis – ainda que tarde!*” Pelo reconhecimento de santidade de São Sepé Tiaraju - Luiz Carlos Susin
- N. 165 O Sínodo da Amazônia, Querida Amazonia e as mulheres - Phyllis Zagano
- N. 166 O cristianismo e a revelação de Deus em tempos de irrelevância cristã - Francesco Cosentino
- N. 167 O magistério do Papa Francisco em tempos de guerra - Andreas Gonçalves Lind
- N. 168 Thomas Merton, leitor de Sigmund Freud e Carl Jung - Nilson Perissé
- N. 169 Meu Cristo Mutilado. Fundamento de minhas esperanças - Pedro Gilberto Gomes
- N. 170 A “Opção Francisco” e o caminho da sinodalidade - Phyllis Zagano
- N. 171 Uma realidade para além da vontade: Agostinho, IA e a vindicação da teofania - Jordan Joseph Wales
- N. 172 A Opção Francisco e a reforma da Igreja. Desafios e perspectivas - Massimo Faggioli
- N. 173 Diaconato feminino na história da Igreja - Guillermo Daniel Micheletti
- N. 174 Pensar a transformação missionária da Igreja a partir dos “fiéis não tão praticantes...” - Valérie Le Chevalier
- N. 175 Mulheres, Igreja, Sinodalidade. Esperanças e expectativas - Maria Cristina S. Furtado, Alzirinha Souza, Ivenise T. Gonzaga Santinon, Maria Inês de Castro Millen e Maria Clara Lucchetti Binghamer
- N. 176 Mais azul que rosa: moral sexual católica e comunidade LGBTQIA+ - Leomar Nascimento de Jesus
- N. 177 A Igreja é uma mulher: misoginia magisterial, mulheres míticas e feminilidade mimética - Tina Beattie
- N. 178 Teologia e lógicas plurais: desafios e perspectivas para o pensamento teológico latino-americano - Cláudio de Oliveira Ribeiro
- N. 179 “Creio...na ressurreição da carne e na vida eterna”: Escatologia cristã - José Roque Junges
- N. 180 Ecologia integral e encarnação nos povos originários - José F. Castillo Tapia

